Encontrando respostas

Renato Franklyn Sena da Silva

DOI: <https://doi.org/10.31692/978-65-88970-22.38-43>

De certo, há períodos em nossas vidas em que desejamos respostas, mas também há períodos em nossa vida que precisamos de muitas respostas. Para mim, o começo da minha busca por respostas fundamentais, das quais assombram tantos velhos adolescentes, que estão a um passo de ingressar na temível vida adulta, foi nos meus primeiros dias do último ano do Ensino Médio.

Até então, nada me fazia refletir tanto sobre o que iria ser no futuro, pois para mim o futuro ainda estava muito longe, porém ao pisar na escola no meu último ano, soube na hora que chegaria o dia... o dia de não mais ver aquelas paredes, não mais pisar naquele piso, não mais debater filosofias, não mais contar anedotas com meus professores. A tranquilidade de viver dentro daquelas paredes, num dia próximo, iria acabar.

Era uma escola de Referência em Ensino Médio da Rede Estadual de Educação, isto é, em miúdos, uma EREM. EREM José Joaquim da Silva Filho, mais conhecida como Polivante; localizada na cidade que tanto amo e que me viu crescer, Vitória de Sto. Antão, berço de grandes histórias, como a Batalha do Monte das Tabocas, como também de grandes homens, como o consagrado escritor Osman Lins. Escola bem estruturada, fechada de grades e muros, pintados discretamente com a cor amarelo-sem-graça. E como toda EREM, ela era uma escola de tempo integral, ou seja, passei

a maior parte da minha adolescência dentro daquele ambiente. Nove horas de atividades, num cansaço extremo e, ao mesmo tempo, numa calmaria confortante.

Meu receio de achar respostas fundamentais de repente começou a se unir a quem eu era, não sobrando muito da minha personalidade espontânea. Passava horas a fio refletindo sobre o que iria fazer quando tudo acabasse, afinal de contas, minhas lembranças de auge da adolescência eram quase todas sob aquele teto, de frente àquele quadro, sobre uma cadeira enfeitada com meus rabiscos de cálculo e bobagens aleatórias. O medo, então, veio após o receio... e a cada semestre que passava, ele aumentava exponencialmente.

Certa feita, dei conta de mim mesmo ao olhar meus colegas, como quando olhamos janelas totalmente transparentes e de repente nos deparamos com a nossa própria imagem refletida num esboço de luz. Percebi o quanto não queria perder aquela atmosfera, aquele barulho alegre, e também o silêncio medroso... Percebi num piscar de olhos que era ali que queria permanecer, que deveria estar. Não exatamente naquela mesma sala, mas numa sala com a mesma finalidade; não exatamente com aquelas mesmas pessoas, mas com pessoas que buscavam a mesma coisa; e não exatamente no posto, mas num lugar parecido e que pudesse pertencer... Estava ali, uma das minhas respostas que tanto buscava: eu quero ser professor.

Logo após obter minha primeira resposta, surgiu a necessidade de obter outra. Eu estava decidido e conformado com a ideia de ser professor, mas ser professor de quê? Qual matéria estudar? Qual matéria dedicar parte da minha vida estudando e desenvolvendo pensamentos? Angustiante era essa busca por respostas tão difíceis. Confiei na lógica (depois de muito me contradizer com o *uni-duni-tê*), selecionando algumas disciplinas que me faziam desejar por esclarecimentos, afinal de contas, se iria passar um bom tempo da minha vida estudando uma área do conhecimento, que fosse algo que me despertasse bastante curiosidade. Assim, o rol de disciplinas foi ficando cada vez menor...

De certo, ao final de vários dias de reflexão, fiquei empacado em três disciplinas, duas áreas do conhecimento: Física, Química e Português. Eu tinha dificuldade em entender os aspectos fundamentais das Ciências, mas o que mais me afligia era o descontentamento de não conseguir explicar do *por que o céu ser azul?* Ou coisas do gênero... Assim, ficaram Física e Química. Nessa dúvida cruel, passei a observar meus professores (grandes agentes na minha busca por respostas). Vi que a Química despertava um olhar sincero do meu professor quanto aos porquês. Porém, já não via isso no meu professor de Física; acho que a sua segurança quanto ao que colocava em sala era tão alta que eu passei a vê-la de forma concreta e finita, sem os porquês que tanto buscava.

Desse modo, enveredei pela busca de entrar numa faculdade de Química. Entre tantos vestibulares, acabei por conseguir ingressar numa ótima instituição de ensino, o IFPE – Instituto Federal de Pernambuco. E o melhor de tudo, num *Campus* que era na minha cidade e com o curso que eu tanto almejava: Licenciatura em Química.

A felicidade já não conseguia caber dentro de mim depois da aprovação no vestibular. O final do ano de 2019 foi inesquecível, com um sentimento de “etapa concluída” que permanecia ao longo de cada dia que passava. E mal esperando pelo início do ano letivo de 2020, abstraía como seria a faculdade, as aulas, os colegas, os professores... Afinal de contas, era uma nova etapa da minha vida acadêmica.

Já no primeiro dia de aula comecei a entender o que era o ensino superior. Os meus professores foram atenciosos desde o início do curso, desde o primeiro instante. Eles nos falavam o que era a vida de um estudante de ensino superior, o que era a vida acadêmica, suas metas, seus objetivos, sua caminhada. Cada possibilidade que abrangia a vida de um estudante de ensino superior era algo que me motivava ainda mais.

Numa das primeiras aulas, conheci a professora que, além de me orientar durante as aulas do curso, também me orientaria tempos depois, em pesquisas científicas e no Laboratório de Avaliação do PDVL. Ela mostrou para todos da sala o

que era a jornada de um pesquisador. Nos explicou o que poderíamos buscar após a graduação, um mestrado ou um doutorado. Mas para isso, deveríamos produzir e fomentar discussões em nossa área, deveríamos produzir pesquisas científicas, fazer extensões etc. Ela dedicou a aula inteira para tirar nossas dúvidas (que era muitas) sobre essa nova etapa. Mal imaginaria que ela iria se tornar uma grande mentora na minha vida acadêmica, além de uma grande amiga.

A professora, então, nos falou sobre a existência do IIDV – Instituto Internacional Despertando Vocações, e o PDVL – Programa Internacional Despertando Vocações para Licenciaturas, que me despertaram ainda mais curiosidades e motivações. Logo procurei saber sobre o que era o IIDV e acabei ficando impressionado com a sua dimensão de possibilidades. Primeiro que não havia apenas um programa voltado aos estudantes de licenciaturas, mas sim, vários programas voltados a estudantes das mais diversas áreas, além de experiências internacionais. Isso me despertou. Vi possibilidades infinitas. E de fato, várias possibilidades se tornaram algo real.

Tão rápido quanto a virada que o meu primeiro dia de aula deu na minha vida, fiz a inscrição para o PDVL. Lembro que o primeiro dia de entrevistas para o ingresso no programa me levou a conhecer várias pessoas de outros períodos, além de professores já formados que também passaram pelo programa e que, hoje em dia, chefiam alguns laboratórios de pesquisa. Isso me incentivou ainda mais... Após a entrevista, vi que tudo estava dando certo, e minha fome de conhecer outras coisas só aumentava.

Fui apresentado aos vários laboratórios que compõem o programa, devendo optar por um, mas o um acabou tornando-se dois. Pela minha resposta que me levou até aquele momento (a de me tornar professor), escolhi um laboratório que, para mim, fosse a alma do “ser professor”. Escolhi, então, o Laboratório de Avaliação, onde se desenvolvem discussões e estudos sobre o processo de avaliação, algo inerente ao processo de ensino-aprendizagem. Para minha alegria, esse mesmo laboratório é

guiado pela professora que abriu os olhos de uma turma inteira num primeiro dia de aula. O outro laboratório foi o de Jogos Didáticos, pois eu tinha bastante curiosidade para saber como poderia desenvolver jogos e aplicá-los ao ensino, além da possibilidade de poder criar jogos e colocá-los em prática nas escolas de Ensino Médio. Começava, então, um bom período de reuniões durante algumas tardes, além de apresentações a coisas novas que em momento algum, antes disso, sonharia em conhecer.

Me lembro que no primeiro dia de reunião do Laboratório de Avaliação, fiquei impressionado com as discussões propostas. Nos sentávamos a uma grande mesa e falávamos sobre teóricos famosos, que até então eram desconhecidos para mim. Tudo numa complexa mistura entre a seriedade e a descontração. Sem erros, pois não havia o medo errar, não existia resposta errada, nós falávamos sobre nossas experiências enquanto estudantes do ensino básico e percebíamos coisas que antes nem passavam em nossas cabeças quanto ao tipo de ensino em que fomos inseridos e o tipo de avaliações e instrumentos avaliativos a que fomos apresentados. Tudo tão fantástico até hoje.

Depois disso, a pandemia estourou, e todas as instituições tiveram que ser fechadas. As atividades do IIDV ainda continuavam de forma remota, assim, pudemos nos inscrever em cursos ao longo do tempo, como os cursos de pesquisa científica, oratória, empreendedorismo e uma infinidade de outros. Além de experiências que, mesmo sendo no formato remoto, me fizeram ver um mundo completamente diferente, como algumas reuniões em que pessoas de vários países do mundo participavam. Vi pessoas de várias nacionalidades, que falavam espanhol, que falavam inglês, que falavam francês... Me vi em algo que era surreal e grandioso para mim.

Em todos os laboratórios que você faz parte, existe a fomentação do debate sobre um assunto, e também a possibilidade de você criar projetos como artigos e pôsteres, e publicá-los no COINTER – Congresso Internacional do Programa Despertando Vocações –, que ocorre todos os anos. Assim, pela primeira vez, submeti

um trabalho científico em forma de comunicação oral (pôster), no ano de 2020. Foi magnífico ter um primeiro trabalho publicado no primeiro ano de graduação. E assim foi decorrendo a minha história com o IIDV, com o PDVL, com a minha orientadora Prof. ^a Kilma, e com tantos colegas que consegui, de diferentes áreas, de diferentes lugares. Agradeço muito a todos os professores que me auxiliaram e auxiliam na trajetória acadêmica, aos meus colegas de laboratório, ao IIDV e ao PDVL. Foram eles que me abriram os olhos para um novo caminho, um caminho que começou quando busquei respostas no primeiro dia do meu último ano no Ensino Médio, e que até hoje me ajudam a confirmar essa resposta para mim mesmo nos momentos de dúvida.